



## EDUCAÇÃO E LITERATURA: O PROFESSOR E POETA BENTO TEIXEIRA ENTRE A HERESIA E A CENSURA

**Kênia Maria de Almeida Pereira\***  
Universidade do Triângulo – UNITRI  
[kenia@triang.com.br](mailto:kenia@triang.com.br)

**RESUMO:** Este artigo é uma tentativa de delinear o perfil do primeiro poeta brasileiro, Bento Teixeira, autor do famoso poema épico *Prosopopéia*, publicado em 1601. O que poucos sabem é que Bento Teixeira, além de ter sido o primeiro escritor a ter versos publicados em letra de fôrma, no Brasil, foi, também, o primeiro educador laico, cristão-novo, não ligado à Igreja Católica a ministrar aulas como professor particular de latim, grego, matemática e filosofia. Numa época em que a tesoura afiada da Inquisição cortava palavras e cabeças, Bento Teixeira não se intimidou: traduziu partes da Bíblia para o português, difamou a Virgem Maria, amaldiçoou o Cristianismo, distribuiu livros eróticos entre seus alunos. Dessa forma, revisitar a vida e a obra desse pensador herege do século XVI, ajuda-nos a reconstruir alguns fragmentos desse imenso mosaico que é o Brasil do período colonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bento Teixeira – Poesia – Educação

**ABSTRACT:** This article is an attempt to delineate the profile of the first Brazilian poet, *Bento Teixeira*, author of the famous epic poem '*Prosopopéia*', published in 1601. What few people know is that *Bento Teixeira*, besides being the first writer to have verses published in block letter, in Brazil, was also the first "laic" educator, New-Christian, not engaged to the Catholic Church to teach/ administer classes as a private professor of Latin, Greek, Mathematics and Philosophy. In a time that the sharp scissors of the Inquisition would cut off words and heads, *Bento Teixeira* was not frightened or intimidated: he translated parts of the Bible into Portuguese, defamed the Virgin Mary, cursed the Christianity, and distributed erotic books among his students. In that way, revisiting the life and the work of that heretic thinker of the sixteenth century helps us to reconstruct some fragments of the immense mosaic that is Brazil in the colonial period.

**KEYWORDS:** Bento Teixeira – Poetry – Education

Este artigo tem como principal objetivo apresentar e discutir a figura irreverente e polêmica do poeta e professor Bento Teixeira. Bento Teixeira é mais conhecido como o primeiro autor a elaborar um poema épico no Brasil colonial, intitulado *Prosopopéia*, no entanto, este escritor apresenta uma face pouca explorada

---

\* Doutora em Letras pela UNESP - São José do Rio Preto-SP. Professora titular da Associação Salgado de Oliveira de Educação e Cultura – UNITRI e professora colaboradora do programa de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

pelos pesquisadores. Bento Teixeira foi um dos primeiros professores e intelectuais rebeldes que viveu no Brasil colonial. Foi um dos primeiros professores não eclesiástico a ministrar, por estas plagas, aulas de latim, matemática, filosofia. Tudo isto, afastado dos padrões tradicionais de educação, dentro de uma concepção de transgressão, rebeldia e provocação do espírito crítico. Para o estudioso Luiz Roberto Alves, Bento Teixeira se impôs como um representante do seu tempo: professor, comerciante, advogado, polemista, e pretense livre-pensador.<sup>1</sup> Ser professor no Brasil do século XVI era enfrentar dezenas de problemas, dentre eles, aquilo que aponta o padre Anchieta:

[...] os estudantes nesta terra, além de serem poucos, também sabem pouco, por falta de engenhos e não estudarem com cuidado, nem a terra o dá de si, por ser relaxada, remissa e melancólica, e tudo se leva em festas, cantar e folgar. Porém, por ser nesta terra, não se faz pouco fruto com eles e já alguns casuístas que são vigários, e alguns artistas mestres nelas, e dois ou três teólogos pregadores que pregam na catedral desta cidade e cônegos da igreja mor e vigários das paróquias.<sup>2</sup>

Época em que os educadores estavam também vigiados pelos olhos atentos da censura inquisitorial. A Igreja exercia seu poder de controlar corpo, espírito e escola. Ou como muito bem aponta Luiz Carlos Villalta, “[...] língua, instrução e livros, nesse quadro, em termos das expectativas metropolitanas, deveriam desenvolver-se sob a égide de um Rei, uma Fé e uma Lei”.<sup>3</sup> Igreja e Estado se confundiam, vigiavam e puniam. A historiadora Maria Luíza Tucci Carneiro, também observa que, entre os séculos XVI, XVII e XVIII, ou seja, enquanto atuou a Inquisição, no Brasil, o intelectual, dentre eles, os educadores, os escritores e os alunos, se viam diante de uma cultura amordaçada e cerceada. Tucci complementa tais reflexões, informando que:

... com o passar do tempo, a liberdade de pensamento foi sendo cada vez mais cerceada e reprimida pelas várias formas de censura literária que, alguns anos depois, tornou-se modelo para a Europa. Em 1540 e 1541, portanto, após a instalação da Inquisição em Portugal, o Cardeal D. Henrique, Inquisidor Geral desde 1539, nomeou uma comissão que, além de examinar todas as obras existentes em Lisboa e aquelas vindas de fora, deveria também avaliar os textos dos livros antes da sua impressão.<sup>4</sup>

---


<sup>1</sup> ALVES, Luiz Roberto. **Confissão, poesia e inquisição**. São Paulo: Ática, 1983, p. 4.

<sup>2</sup> SALVADOR, Vicente do Frei. **História do Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918, p. IX.

<sup>3</sup> VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 332. v. I.

<sup>4</sup> CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997, p. 20-21.

Assim sendo, o pensamento crítico e insubordinado do poeta e professor Bento Teixeira pode ser recuperado tanto em sua obra *Prosopopéia* como nos registros do Processo Inquisitorial, o qual ele participou como réu do Santo Ofício. Nestes dois textos, ouvem-se os ecos de suas idéias filosóficas, educacionais, poéticas, contestatórias e avançadas para a época. Ele acreditava que todos os seus alunos deveriam ter acesso aos livros proibidos e obscenos, ter acesso também à Bíblia traduzida do latim para o português. Lembrando aqui que esta era uma atitude proibida pela Igreja. Muitos estudantes, na Europa, foram torturados e queimados por lerem e traduzirem a Bíblia. Tempos totalitários e intolerantes: a censura controlava as mentes e as palavras. Em várias passagens da obra, *Prosopopéia*, este poeta nos dá mostras do seu ceticismo e niilismo diante da vida. Afastado do pensamento metafísico-cristão, ele compõe estrofes que refletem seu pessimismo diante das adversidades de seu tempo, como se pode ler nestes versos:



Ó sorte, tão cruel, como mudável/  
Porque usurpas aos bons o seu direito?  
Escolhes sempre o mais abominável  
Reprovas e abominas o perfeito  
O menos digno fazes agradável  
O agradável mais, menos aceito  
Ó frágil, inconstante quebradiça  
Roubadora dos bens e da justiça.<sup>5</sup>

Rotulado como herege, cristão-novo, judaizante, Bento Teixeira foi perseguido pela Inquisição, preso e torturado. Acabou morrendo em Lisboa, em 1600, de tuberculose, sem ver sua obra editada. Bento Teixeira desafiou o sistema e pagou com a vida por isso. Pode-se perceber, durante a leitura de seu processo, que estamos diante de um intelectual inteligente e que desafiava o sistema: um professor irreverente e de personalidade polêmica. Tais atitudes revelam-se em seus textos transgressores. Ao ser interpelado pelo inquisidor, argumentava sempre de forma audaciosa. Ao analisar seu Processo de número 5.206, o historiador Luiz Roberto Alves encontrou, ali, um pensador provocativo. Ao ser condenado, advogava em causa própria, como se vê aqui nestes argumentos. Ao ser questionado sobre seu comportamento não-convencional, declarava que: “Diz o sábio rei da Palestina que todos os rios nascem no mar, e a ele voltam”. Ao ser interpelado sobre seu possível judaísmo, nega, observando que “Os

---

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Bento. **Prosopopéia**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1873, [não paginado]. (edição Fac-símile)

sacramentos da santa madre igreja, compreendo eu, duas vezes, e outras, persuadindo a meus discípulos a fazer sempre o mesmo”.<sup>6</sup>

Eneida Beraldi Ribeiro, em sua tese de doutorado, advoga que ao lermos tais textos elaborados por Bento Teixeira,

[...] temos a impressão de presenciarmos os encontros e as discussões. (...) Bento Teixeira fez história da memória. Trouxe à tona aspectos variados de uma sociedade, revelando as tensões vividas entre cristãos velhos e cristãos novos, e como elas eram vivenciadas pelo grupo excluído.<sup>7</sup>

Esta transgressão perpassa, como apontamos antes, vários versos da *Prosopopéia*, que numa leitura mais atenta e crítica revela-se muito mais que uma simples cópia de algumas estrofes de *Os Lusíadas* e muito mais que a história dos feitos de Jorge d’Albuquerque Coelho, governador da Capitania de Pernambuco.

Neste longo poema de noventa e quatro estrofes, além da arte poética clássica e dos elogios ao governador, entrelaçam-se, também, uma visão questionadora em torno da cultura e a educação no Brasil, como se lê nestes versos da estrofe XXV:

A fama dos antigos cõa moderna  
Fica perdendo o preço sublimado  
A façanha cruel, que a turva Lerna  
Espanta com estrondoso d’arco armado

Os estudiosos da *Prosopopéia* não podem esquecer-se que tal obra encobre astutamente uma segunda leitura, só desvelada por estudos mais atentos e minuciosos. Assim, nos deparamos com alguns críticos que, fugindo a uma interpretação superficial e óbvia do poema *Prosopopéia*, revelam detalhes e comentários que a crítica tradicional não levou em consideração.

O primeiro destes críticos talvez seja Arnold Wiznitzer, que acredita ver, na gravura estampada ao final do poema, uma fênix, símbolo da congregação Neweh Shalom, fundada pelos judeus no início do século XVI, em Portugal. Wiznitzer faz menção ainda ao fato de, na estrofe VI, aparecerem os quatro elementos vitais básicos à vida (ar, fogo, mar, terra). Estes elementos também fazem parte de alguns tratados

<sup>6</sup> ALVES, Luiz Roberto. **Confissão, poesia e inquisição**. São Paulo: Ática, 1983, p. 157.

<sup>7</sup> RIBEIRO, Eneida Beraldi. **Bento Teixeira e a escola de Santanás**: o poeta que teve a prisão por recreação, a solidão por companhia e a tristeza por prazer. 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, f. 12.

cabalísticos. Cada ponta da estrela de David representa um dos quatro elementos básicos da natureza.<sup>8</sup>

É interessante observarmos que Bento Teixeira não perdia oportunidade de, em suas aulas, transmitir, não só os conhecimentos químicos e científicos aos seus alunos. Num gesto de rebeldia, ele, também, iniciava-os nos caminhos poéticos e míticos da cabala judaica. Uma atitude que, diga-se de passagem, exigia coragem, uma vez que, vivia-se sob os olhos atentos da Igreja e dos tribunais do Santo Ofício.

A historiadora Anita Novinsky chama a atenção para o fato de que:

[...] o principal crime que foram acusados os brasileiros e portugueses, residentes no Brasil, foi o de praticarem em segredo a religião judaica. Durante seus três séculos de funcionamento, a Inquisição portuguesa foi coerente com os ideais que levaram à sua criação: a caça aos judeus. De 1.076 prisioneiros, entre homens e mulheres, excluídos os sem dados, 46, 13% dos homens e 81, 92% das mulheres foram acusados de judaísmo.<sup>9</sup>

Tais atitudes de transgressão e rebeldia demonstradas pelo poeta e educador Bento Teixeira se comparam às do moleiro italiano Menocchio. Este moleiro, informa o historiador Carlo Ginzburg, era um leitor de livros proibidos, que viveu também no século XVI. Menocchio foi perseguido, torturado e morto pela inquisição sob a acusação de ser herege e blasfemo. Tentava difundir sua opinião de que os ricos oprimiam os pobres e que, um dia, a sociedade seria igualitária. Argumentava também que o espírito bondoso de Deus não faz diferença entre ateu, cristão, judeu ou mulçumano, um dia, todos se salvarão.<sup>10</sup> Em tempos de censura, o silêncio vale a vida. Galileu Galilei sabia disso e preferiu retratar-se a morrer queimado. Mas, infelizmente, muitos morreram por pronunciar poucas, mas contundentes palavras.

O historiador, Nelson Omeña, acrescenta, ainda, outras marcas de evidente judaísmo e transgressão presentes no poema de Bento Teixeira, como, por exemplo, o “monoteísmo intransigente”, o qual flui na segunda estrofe da *Prosopopéia*.<sup>11</sup>

Outra historiadora a perceber sinais de cripto-judaísmo na *Prosopopéia* é Sônia Aparecida Siqueira, que, embora sem mencionar as observações iniciais de Wiznitzer e

---

<sup>8</sup> WIZNITZER, Arnold. Bento Teixeira, autor da *Prosopopéia*. **Aonde vamos?**, Rio de Janeiro. Seminário judaico independente do Brasil, Ano XII, n. 502, p. 2-6, Jan. 1953.

<sup>9</sup> NOVINSKY, Anita. **Inquisição: prisioneiros do Brasil – séculos XVI e XIX**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002, p. 37.

<sup>10</sup> Cf. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

<sup>11</sup> OMEÑA, Nelson. **Diabolização dos judeus: martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Record, 1969, p. 74.

Omegna, as reforça e as desenvolve. Siqueira busca o cripto-judeu em Bento Teixeira, o poeta que desafiava normas e não conseguia se adaptar ao meio-ambiente hostil e anti-semita da época colonial. Afirma a estudiosa ser Bento Teixeira indivíduo angustiado pela dubiedade, já que, apenas, exteriormente, se mantinha cristão: no ambiente reservado do lar, cumpria os mandamentos da lei mosaica.

Ainda para Sônia Siqueira, o poeta era um desajustado, não aceitando nem sua condição de simples professor e homem do povo, nem o fato de ter de passar o resto da vida simulando ser cristão. Teria buscado, assim, na literatura, tanto a ascensão social, como um meio de inserir mensagens de fé judaica aos marranos. São várias as passagens, que, segundo Sônia, estariam revestidas de mensagens judaicas. A primeira delas seria a idéia de um Deus único, que o impedia de pedir ajuda às musas gregas pagãs, inspiradoras da poesia. Esta idéia vem reforçada na segunda estrofe da *Prosopopéia*:

As Dêlficas irmãs chamar não quero  
Que tal invocação é vão estudo  
Aquele chamo só, de quem espero  
A vida que se espera em fim de tudo  
Ele fará meu verso tão sincero  
Quanto fora sem ele tosco e rudo.

Depois viria ainda a possível alusão feita, em tom velado, à Aliança, presente nos dois últimos versos desta mesma estrofe:

Que per rezão negar não deve o menos  
Quem deu o mais a míseros terrenos.

Siqueira destaca outros momentos no poema que teriam nítidos traços de cripto-judaísmo, todos eles, segundo a historiadora, comunicados de maneira cautelosa e sutil à comunidade judaica. Assim sendo, o poeta teria mencionado a consciência de pertencer a um grupo condenado ao sofrimento, perceptível neste verso da estrofe XV:

Os males a que a sorte nos destina,

Ou, ainda, a tolerância para com os judeus, maior em Olinda que na metrópole (estrofe XXVI):

Vejo (diz o bom velho) que, na mente,  
O tempo de Saturno renovado,  
E a opulenta Olinda florescente  
Chegar ao cume do supremo estado.  
Será de fera e belicosa gente  
O seu largo dstricto povoado;  
Por nome terá Nova Lusitânia;

Das Leis isenta da fatal insânia.

A historiadora enumera, além deste, outros vários momentos que ela credita ser de feição judaica: o personagem Proteu como narrador, deus que pode adquirir aparências falsas e difícil de ser apanhado; as dificuldades enfrentadas pelos companheiros em manterem-se cripto-judeus; a ingratidão dos poderosos e do rei para com os judeus, bem como a necessidade de os judeus não perderem a fé e de não se afastarem dos caminhos traçados pelo Senhor.

Ao final do ensaio, Siqueira conclui ainda que “[...] aparentemente perdedor do conflito com a inquisição, Bento Teixeira terá sido, talvez, no Brasil Colônia, o único homem que enganou o Santo Ofício”.<sup>12</sup>

Digno também de menção é o livro de Luiz Roberto Alves: *Confissão Poesia e Inquisição*, inteiramente voltado para o estudo de Bento Teixeira, sua vida e seus textos. Baseado no *Processo Inquisitorial 5.206* da Inquisição lisbonense e, no poema *Prosopopéia*, é uma instigante monografia, a qual resgata o perfil de Bento Teixeira, bem como sua visão-de-mundo sobre a época colonial brasileira. Fornece, ainda, informações novas sobre o controvertido poeta, juntamente com uma interpretação da *Prosopopéia* que foge às tradicionais.

Luiz R. Alves, por sua vez, defende que a *Prosopopéia* e o *Processo* seriam textos escritos no sentido de o poeta harmonizar-se com um mundo contra-reformista e não de querer enganá-lo com mensagens camufladas de cunho judaico, mas astutamente tentar ajustar-se ao meio. Ou, como o próprio Luiz R. Alves afirma:

Bento Teixeira, fazendo escapular da sua fala, e principalmente de sua escritura, elementos de outras ordens, no entanto escreve concertadamente para olhos e orelhas contra-reformistas, não para enganá-los (porque esse é o mundo que o forjou), mas para harmonizar-se com esse mundo.<sup>13</sup>

Assim, estamos diante de um escritor e educador controvertido. Um pensador que vê e sofre com o “desconcerto da vida” ou, como diria Drummond, “mais um poeta de um mundo caduco”.

Já, no que tange o universo da intertextualidade, Bento Teixeira busca como fonte de inspiração, para criar seu texto, o vate português; Camões, não plagiando ou copiando servilmente, pois *Prosopopéia* tem enredo e desenvolvimento próprios.

<sup>12</sup> SIQUEIRA, Sônia Aparecida. O cristão-novo Bento Teixeira: cripto-judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de história*, São Paulo, v. XLIV, n. 90, p. 395-467, Abr./Jun. 1972.

<sup>13</sup> ALVES, Luiz Roberto. *Confissão, poesia e inquisição*. São Paulo: Ática, 1983, p. 128-129.

Também em nenhum momento ridiculariza seu modelo através de procedimentos parodísticos, nem, tampouco, Bento Teixeira parafraseou, pois o assunto de seu poema é outro. Na verdade, Bento Teixeira mantém, por estilização, os ingredientes básicos da epopéia. Mais uma vez, vence o espírito de criatividade e inovação, próprias deste autor. Evidentemente, vários momentos da *Prosopopéia* nos remetem automaticamente ao texto camoniano, em um constante diálogo intertextual, próprio do Renascimento, em que eleger um grande poeta para tornar-se guia e mentor dos escritores principiantes era artifício comum e encorajado. Interessante lembrarmos aqui o filósofo francês Derrida, que concebe a intertextualidade como um “tecido” formado à base de fios tomados emprestados de outros textos.<sup>14</sup> Este processo parece ser o percorrido pelo autor da *Prosopopéia*, uma vez, que tal obra é tecida com fios emprestados não só de *Os Lusíadas*, como também de episódios do *Naufrágio da nau Santo Antônio*, da *Eneida* e das *Metamorfoses*.

Aliás, o episódio aproveitado por Bento Teixeira do *Naufrágio*, escrito pelos pilotos Afonso Luis e Antonio de Castro é, exatamente, a passagem dramática em que se vê envolvido Jorge de A’Albuquerque e seus companheiros, na travessia da nau para Lisboa. A fome e o desespero tomam conta da maioria, e muitos se viram na iminência de devorar os corpos dos companheiros mortos. Bento Teixeira tece aqui uma crítica acirrada à colonização que obrigou muitos portugueses a cometerem atos animais contra seus próprios companheiros e também contra os índios.<sup>15</sup>

Sabe-se que durante muito tempo, os dados biográficos de Bento Teixeira levantaram mais polêmicas do que certezas. Para Barbosa Machado, o poeta seria natural de Pernambuco e se chamaria Bento Teixeira Pinto.<sup>16</sup> Outros biógrafos, como Sacramento Blake, em seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de 1883, também mencionam o poeta pelo nome de Bento Teixeira Pinto, nascido em Pernambuco entre os anos de 1540 e 1545. Segue-se Pereira da Silva, que fixa em 1545 o ano do nascimento do poeta.<sup>17</sup> Loreto Couto, por sua vez, nos *Annaes da biblioteca nacional do*

---

<sup>14</sup> Cf. DERRIDA, Jacques. *Semiologia e gramatologia*. In: KRISTEVA, Julia. et al. (Org.). **Ensaio de semiologia**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1971.

<sup>15</sup> Cf. PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. **Prosopopéia**: poema de resistência. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação, Universidade Estadual de São Paulo, São José do Rio Preto, 1992.

<sup>16</sup> Cf. MACHADO, Barbosa. **Biblioteca lusitana**. Lisboa: Lisboa, 1741, p. 502. v. I.

<sup>17</sup> Cf. SILVA, Pereira da. **Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais**. Tomo II. Tipographica, 1858, p. 301.



*Rio de Janeiro* (1904), escolhe a cidade de Olinda para a terra natal do poeta, enquanto Pereira da Costa (1891, p. 115), escolheu a freguesia de Muribeca.<sup>18</sup>

A questão ainda estava envolta em dúvidas quando, em 1929, Rodolfo Garcia publicou a *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil – Denúncias de Pernambuco*, em que se encontra um depoimento, prestado a 21 de janeiro de 1594, de um certo Bento Teixeira, que segundo Rodolfo Garcia era o mesmo Bento Teixeira, autor do poema *Prosopopéia*. Neste depoimento, o poeta assim se apresentava:

Cristão-novo, natural da cidade do Porto, filho de Manuel Álvares de Barros, que não tinha mais ofício que tratante, e de sua mulher Lianor Ruiz, cristãos-novos, defuntos, de idade de trinta e três anos, casado com Filipa Raposa, cristão-velha, morador ora nas terras de João Pais, na freguesia de Sancto Antônio, no cabo de Sancto Agostinho, mestre de ensinar moços o latim, e ler, e escrever, e aritmética.<sup>19</sup>

Com a publicação do muito bem fundamentado trabalho de Rodolfo Garcia, os críticos e estudiosos da Literatura brasileira e da educação consideram definitivamente sanadas as dúvidas sobre o nome, a data e o local onde nasceu o poeta.

Nascido no Porto, em 1561, veio ainda criança para o Brasil. Sua família, possivelmente, era perseguida pela Inquisição em Portugal. O poeta estudou em colégio dos jesuítas na cidade do Rio de Janeiro, mudando-se depois para Olinda, onde se tornou professor de Latim. Insatisfeito, tornou a mudar-se, desta vez para Iguaraçu, onde se dedicou à advocacia, ao magistério, e ao comércio. É interessante levar em conta estas várias profissões de Bento Teixeira: de poeta a educador. Sempre irrequieto e rebelde. Nunca contentando-se com a pasmeira e monotonia dos pequenos vilarejos do mundo colonial. Cinco anos depois, está de volta a Olinda, onde se vê envolvido em perseguições religiosas. É acusado de práticas judaizantes e começa a sofrer toda a série de torturas físicas e morais da Inquisição. Segundo Luís Roberto Alves, estas seriam as principais heresias que pesavam sobre Bento Teixeira:

- a. não gostava de dar aulas aos sábados;
- b. jurara pelas partes vergonhosas da virgem;
- c. não era muito misseiro;
- d. dizia que pouco ou nada adiantava a confissão;
- e. traduziu algumas partes da bíblia do latim para o português;
- f. lia o livro o proibido *Diana* de Jorge de Montemór;

<sup>18</sup> Cf. COSTA, Pereira da. Bento Teixeira Pinto: estudo bibliographico. **Revista do instituto archeologico, histórico e geographico pernambucano**, Recife, n. 40, p. 122-127, 1891.

<sup>19</sup> GARCIA, Rodolfo. **Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil – Denúncias de Pernambuco**. São Paulo: Paulo Prado, 1929, p. 61.

- g. considerava não só a igreja como um lugar santo, mas todo lar de pessoas honestas;
- h. não respeitava nem o padre nem os principais santos da Igreja Católica.<sup>20</sup>

Acusado, resistiu bastante a admitir tais “culpas” perante o visitador do Santo Ofício, apesar das pressões a que foi submetido. Algum tempo depois, assassinou a esposa, por repetida prática de adultério, escondendo-se então no Convento dos Beneditinos, onde deu início aos primeiros versos da *Prosopopéia*. Foi descoberto e preso em 1595, levado, em seguida, para Lisboa, onde sofreu todo o processo inquisitorial.

Bento Teixeira deixou importante documento, escrito de seu próprio punho enquanto esteve preso, que contém toda sua defesa, na qual ele tentava persuadir os inquisidores de que era inocente e crente na Igreja Católica e em todos os seus santos.

Segundo Luís Roberto Alves, o documento deixado por Bento Teixeira é peça não apenas para o conhecimento da obra literária do poeta, por ilustrar posições semelhantes às assinaladas por Bento Teixeira no poema, mas também para a própria cultura brasileira, pois se trata de um texto muito bem escrito, com requintes de forma e conteúdo com que o homem, o educador, o cidadão, o cristão-novo, acuado pela Santa Inquisição, procurara defender-se.<sup>21</sup>

Ainda na prisão, como informa Wiznitzer,<sup>22</sup> Bento Teixeira contraíra “uma moléstia de pulmão” e começara a “escarrar sangue”, o que foi atestado pelo médico que o examinara, J. Pinheiro, a 9 de abril de 1600.<sup>23</sup>

Depois de passar dois anos como prisioneiro e vítima dos torturadores da Igreja, que lhe conseguiram enfim arrancar a admissão de culpa, o poeta ganhou liberdade condicional (em tudo semelhante aos dos libertados condicionalmente hoje, com a diferença de que tinha de apresentar-se periodicamente não a autoridades civis ou militares, mas eclesiásticas). Essa nova forma de tortura moral, todavia, não duraria muito, pois o poeta veio a falecer vítima provavelmente de tuberculose, em fins de junho de 1600. Mas as trevas inquisitoriais durariam ainda algum tempo e levariam para

<sup>20</sup> ALVES, Luiz Roberto. **Confissão, poesia e inquisição**. São Paulo: Ática, 1983, p. 51.

<sup>21</sup> Cf. ALVES, Luiz Roberto. **Confissão, poesia e inquisição**. São Paulo: Ática, 1983, p. 40.

<sup>22</sup> Cf. WIZNITZER, Arnold. Bento Teixeira, autor da *Prosopopéia*. **Aonde vamos?**, Rio de Janeiro. Seminário judaico independente do Brasil, Ano XII, n. 502, p. 6, Jan. 1953.

<sup>23</sup> Ibid.

a prisão e para o túmulo muitas pessoas, cujo único crime fora a origem racial, a crença religiosa ou, simplesmente, a ousadia de pensar e agir livremente.

Não se pode esquecer, ainda, como bem apontou Ronaldo Vainfas, que a miscigenação brasileira e a distância de Portugal gerou, no Brasil colônia, não só a contestação política, social, mas, também, a luxúria, a promiscuidade, o desregramento sexual, enfim, a explosão de todos os pecados. Dessa forma, rapidamente, o Santo Ofício de Lisboa mandou ao Brasil os rígidos visitantes. Afinal, “[...] a todos sem exceção, cabia, portanto intimidar, ameaçar, castigar (...) punir com o rigor da lei eclesiástica”.<sup>24</sup>

Além do poema *Prosopopéia*, por algum tempo foi-lhe atribuída a autoria de outras obras como *O Naufrágio que passou Jorge d’Albuquerque Coelho e Governador de Pernambuco*. Sabemos hoje que os verdadeiros autores são Afonso Luís Piloto e Antônio de Castro. Também quiseram fazer de Bento Teixeira o autor dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, escritos por Ambrósio Fernandes Brandão, em 1618, após a morte, portanto, do poeta. Sacramento Blake aponta várias poesias escritas por Bento Teixeira inseridas nos cinco volumes da *Fênix Renascida*, mas sabe-se hoje que nenhuma delas pertence ao poeta. Por fim, foi-lhe atribuída também a tragédia *História do Rico Avarento e Lázaro Pobre*, de José Veríssimo faz um estudo, colocando em relevo o engano de Sacramento Blake em atribuir a tal poeta esta autoria, já que, provavelmente, esta obra seria de jesuítas anônimos.<sup>25</sup>

Em seu poema *Prosopopéia*, encontramos a figura mitológica do deus Proteu. Tal entidade é extremamente significativa, uma vez que ela simbolicamente representa a obra e a vida deste escritor. Bento Teixeira foi perseguido por ser judeu, por ser professor irreverente e por ser poeta contundente. Passou a vida fugindo da Igreja e do Estado. Um homem contraditório, dividido. Os gregos pintavam Proteu, como ser ambíguo, dotado do dom da profecia, além de poder metamorfosear-se em qualquer objeto ou animal:

Vem o velho Proteu, que vaticina.  
(se fé damos à velha antiguidade)  
Os males a que a sorte nos destina  
Nascidos da mortal temeridade,  
Vem numa e noutra forma peregrina  
Mudando a natural propriedade

<sup>24</sup> VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos pecados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 48.

<sup>25</sup> Cf. VERÍSSIMO, José. **Estudos da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

Não troque a forma, venha confiado,  
Se não quer de Aristeu ser subjugado.<sup>26</sup>

Aliás, a simbologia presente no poema não deve emergir apenas da mitologia greco-romana, onde se vislumbra um duplo discurso. Pesquisas posteriores deverão levar em conta que possivelmente Bento Teixeira tinha conhecimento também de práticas místicas como a cabala e a numerologia e talvez tenha semeado pistas em seu texto. Se o poeta era bom conhecedor do hebraico tanto que traduziu o *Levítico*, *Os Salmos de Davi* e o *Deutoronômio* para o latim, bem que poderia ter adquirido com a tradição os conhecimentos cabalísticos. Perle Epstein esclarece que “Desde os primeiros tempos, a prática do misticismo judaico tem sido secreta. Na Espanha do século XI, um filósofo chamado Ibn Garibol denominou esses ensinamentos orais secretos de kabbalah, ou tradição”.<sup>27</sup> O autor continua afirmando que

... os cabalistas fizeram um trabalho bom demais. Temerosos de perseguições fora e dentro da comunidade judaica, eles enterraram ainda mais fundo uma tradição que já era esotérica. Os complicados diagramas e textos místicos que passam hoje por cabala, eram, com muita frequência distorcidos para confundir o olho do não-iniciado.<sup>28</sup>

Tais práticas do misticismo judaico e alusões à cabala, no processo educacional empregado pelo professor e poeta Bento Teixeira, vem ao encontro daquilo que a historiadora Laura de Mello e Souza aponta como sendo “o processo multifacetado do catolicismo brasileiro no início da colonização”,<sup>29</sup> em que se misturava à fé cristã uma concepção mágica do mundo, impregnando o fervor católico de uma espiritualidade medieval e pagã.

Aliás, tal miscelânea entre culturas tão diversas gerou crenças as mais diversificadas como a adoração fervorosa à Santa Rosa Egípcíaca. Ex-escrava, negra, considerada portadora de poderes paranormais, essa ex-prostituta foi fundadora do convento Nossa Senhora do Parto, e segundo nos informa Luiz Mott, milhares de devotos adoravam-na de joelhos, “[...] chegando a ser proclamada como a nova redentora do gênero humano”.<sup>30</sup> Gilberto Freyre acrescenta, ainda, que a colonização

---

<sup>26</sup> TEIXEIRA, Bento. **Prosopopéia**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1873, [não paginado]. (edição Fac-símile)

<sup>27</sup> EPSTEIN, Perle. **Cabala: o caminho da mística judaica**. São Paulo: Pensamento, 1978, p. 15.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> MELLO e SOUZA, Laura de. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 88.

<sup>30</sup> MOTT, Luiz. **Rosa Maria Egípcíaca: uma santa africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993, p. 8.

brasileira se equilibra, desde seus primórdios, numa rede de antagonismos e de flexibilidades em que se mesclam a cultura européia, africana, maometana, judaica, árabe, em todo esse caldo cultural “compreende-se o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil”.<sup>31</sup>

O próprio título do poema *Prosopopéia*, tão pouco sugestivo numa leitura linear, poderia ocultar, quem sabe, um criptograma decifrável apenas à luz a cabala. O termo assim poderia significar muito mais que a velha acepção retórica e as demais, como máscara, semblante e disfarce: poderia talvez conter a chave para decifrar todo o criptograma que Sônia A. Siqueira vê no poema.<sup>32</sup>

Assim, observada a intertextualidade sob a ótica de Júlia Kristeva, a qual concebe “todo texto como absorção e transformação de outros textos”,<sup>33</sup> a *Prosopopéia* absorve, portanto, duas diferentes obras: *Os Lusíadas* e *O Naufrágio*, contudo, Bento Teixeira tece seu poemeto, procurando imprimir nele estilo próprio. Podemos desta maneira, absolver o poeta de acusações de mero plagiador: em vários momentos, buscou caminhos próprios e, às vezes, chegou a obter êxito, sem, entretanto, elevar-se à galeria das grandes obras do gênero. O julgamento de valor, todavia, ou o fato de não ter feito grande obra não deve servir de base à condenação sumária do poeta, da sua vida e da sua obra, nem tampouco justificar o abandono de seu estudo. Bento Teixeira soube transportar para seus poemas e suas aulas mensagens críticas e reflexivas. Tais mensagens chegavam até à comunidade judaica e também aos seus alunos, pertencentes a outros credos religiosos. Seus pupilos, com certeza, compartilhavam junto ao mestre dessas tão refinadas lições.

Bento Teixeira, tanto na pele de poeta quanto de professor, soube se equilibrar entre a heresia e a censura e nos legou duas obras importantes. O livro de poemas *Prosopopéia* e seus escritos de defesa perante o Santo Ofício são textos preciosos para quem queira revisitar e reconstruir alguns fragmentos desse imenso mosaico que é o Brasil do período colonial.

---

<sup>31</sup> FREIRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 8.

<sup>32</sup> Cf. SIQUEIRA, Sônia Aparecida. O cristão-novo Bento Teixeira: cripto-judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de história*, São Paulo, v. .XLIV, n. 90, p. 395, Abr./Jun. 1972.

<sup>33</sup> Cf. KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.